

Textos 2010-2014

Caio Bruno

# 2010 – 2014

Nesta fase temos a solidificação do período anterior, entretanto com estilo mais maduro. Nas opiniões e no texto.

**Caio Bruno**

**Conheça mais em: [www.caiobruno.com.br](http://www.caiobruno.com.br)**

## **Controle de um faminto – Crônica**

**(6/1/2010)**

Já ouvi falar que existem pesquisas que indicam que não se deve ir ao supermercado quando se está com fome. Você acaba comprando muito mais do que o necessário, talvez seja coisa de instinto de sobrevivência ou psicológico mesmo.

Pude constatar este fato já alguns dias quando fui às compras. Era próximo do horário do jantar e lá fui eu em direção ao supermercado decidido a comprar algo para a refeição noturna. Dinheiro curto, porém decente e logo ao entrar uma tentação: “Por que não comer um salgado aqui no café para ‘reforçar’ a janta?”.

Para minha sorte, o local estava fechado e escapei de engordar um pouco. Logo depois, na primeira gôndola um ponto fraco: Batatas Pringles. Olhei o preço, peguei, larguei, repensei, peguei e finalmente larguei. Venci mais uma. Ao dobrar a esquina me deparei com a maravilhosa seção de doces com aqueles drops viciantes Mentos à frente.

Amigos, parecia que eles pulavam em mim clamando para eu devorá-los. Fiz um sinal da cruz e passei.

Meu objetivo era apenas uma pizza congelada e nada mais. Completado meu objetivo, respirei aliviado e confesso que me emocionei com minha própria força. Quando eis que surge, o maior dos vilões. A seção de refrigerantes. Cocas, Guaranás e Pepsis sorriem para mim com suas calorias e seu sedentarismo. Compro, não compro, bebo, não bebo. Por que os sucos naturais não têm embalagens tão atraentes? Sei lá. Pedi perdão pela fraqueza e comprei uma gelada e suada garrafa de Coca-Cola. Mas me contive um pouco. Ao invés da de 2 litros, foi a de 1 e meio. Menos mal.

Saí do mercado feliz da minha vida no meu estilo *junkie*. Mas não vou mais ao mercado com fome, é preciso vencer a gana de gorduras saturadas e açúcar. Da próxima vez irei resguardado e gritarei ao primeiro pote de batata frita que eu ver pela frente: “Sai encosto do colesterol barato”. Portanto, sejais forte ao pilotar um carrinho.

## **Palavrinha com uma senhora – Crônica**

**(27/1/2010)**

Outro dia ali perto do Parque Dom Pedro, no centro da cidade, encontrei uma senhora bem idosa já que olhava aqueles prédios antigos, o Mercado Municipal e aquela sujeira e trombadinhas com um olhar distante. Aquele misto de beleza e tristeza causava saudade na mulher que não se importava com o que ninguém pensasse. Ela passava olhando a fundo aquela vista, como se notasse algo mais do que a visão alcançava. Não pensei duas vezes e a abordei perguntando se ela gostava do que via. “Gostar não gosto, mas isso aqui me traz tanta recordação, filho”, me disse com a doçura que certas pessoas ainda cultivam.

“Nesses prédios estão cravadas a história de minha família e a de outras centenas. Isso era o nosso “Morumbi”, o nosso “Alphaville”, não tinha coisa melhor do que domingo ir na missa na Sé e depois ir ao Mercado ou ao Parque D.Pedro. Durante semana o bonde até a Praça Ramos, o café da tarde no “Mappin” e em ocasiões especiais a gala no Municipal. Quando viajávamos pegávamos o trem na Estação da Luz ou na Júlio Prestes”

E a Avenida Paulista? A Consolação? Os Jardins, o Morumbi, o Brooklin? “Eu fui crescendo e os bairros ao redor também. A Paulista ainda lembro quando tinham mansões e esses bairros chiques que você falou também são novos e são bonitos também. Na minha época, a Zona Norte, Sul e Leste eram imensos matos, hoje são habitadas (e como!) , o Rio Tietê morreu, as avenidas não andam mais, o trem das onze não passa e sim, o metrô. Tudo mudou. Mas alguma coisa na minha garganta ainda vive e essa sensação do novo e do velho vive misturado. Eu vivo ainda. Acredite!”

Que a senhora vive eu sei, eu estou vendo. Aliás, que coisa dramática. Mas e esse olhar distante que eu vi? “É o olhar de quem viveu tudo, de quem sofre as transformações, de quem sorri e chora. Todos os dias. De quem é amada e recebe mesmo sofrendo um filho necessitado. Eu sou a cidade de São Paulo, muito prazer.” Parabéns São Paulo.

## **O (a) cara de São Paulo – Crônica (17/2/2010)**

O céu está cinza e garoando, as pessoas andam depressa e os carros passam como se estivessem em uma corrida de automobilismo. De repente em um bar escondido no meio da rua, daqueles com uma porta só, quatro gatos pingados munidos de cavaquinho, violão e pandeiro – além de garrafas de cerveja, claro – começam a cantarolar: “Não posso ficar nem mais um minuto com você, sinto muito amor, mas não pode ser. Moro em Jaçanã se eu perder esse trem que sai agora às onze horas, só amanhã de manhã...”

Aonde você acha que se passa essa situação? Se respondeu São Paulo, se enganou. Ela pode ser no Amapá, nos Estados Unidos, na Ásia e até no Rio de Janeiro. Em qualquer lugar do planeta que você cantar “Trem das Onze” ou “Saudosa Maloca” estará meio que invocando o espírito paulistano e tudo isso graças ao maior sambista da cidade e um dos grandes nomes do país. Adoniran Barbosa.

Este ano João Rubinato (seu nome de nascença) completaria 100 anos se estivesse vivo e aproveitando que ainda estamos no carnaval constato o lamentável fato de que nenhuma escola de samba paulistana homenageou seu sambista maior.

Esquecimento será? E como não se lembrar do autor de sambas que até hoje ecoam em todos os cantos do país como marca registrada da cidade. Mais que apenas um compositor, Adoniran criou um estilo. O samba paulista, que é muito mais triste e melancólico que o samba tradicional. O samba de São Paulo dá muito mais valor ao violão e ao cavaquinho, enquanto o carioca, por exemplo, é quase que inteiro tomado por surdos, repiques, pandeiros etc.

Enquanto as letras de samba falam de carnaval, boa vida e malandragem as do estilo criado por Adoniran fala melancolicamente de amores que passaram e de lugares da cidade que se modificaram. É pueril.

O compositor trabalhou como garçom, peão de fábrica e borracheiro até que na década de 1940 conseguiu emprego como ator na Rádio Record.



Lá interpretou diversos personagens de sucesso, o maior deles Charutinho, que viria a se tornar quase um alter ego de Adoniran pelo resto de seus dias. Paralelamente a isso, ele continuava compondo e em 1953 os “Demônios da Garoa” gravaram seu primeiro mega-hit “Saudosa Maloca”. Ano após ano, o paulista foi compondo diversos sambas e em 1965 seu clássico maior, “Trem das Onze” que – pasme! – foi eleita a música do carnaval carioca daquele ano.

Trabalhando também como ator, o sujeito velhinho com seu chapéu e sua gravata borboleta faleceu em 1982, aos 72 anos.

A partir daí, o mito só cresceu e não há paulistano no mundo que não se sinta em casa e não se emociona ao ouvir uma de suas músicas em qualquer lugar. Adoniran Barbosa é o cara e a cara de São Paulo né, meu!

## **Parabéns, Pacaembu – Crônica**

**(27/4/2010)**

Cravado em um dos bairros mais tradicionais e refinados da capital paulista o estádio do Pacaembu entra hoje na casa dos 70 anos de idade intacto e em plena atividade. Inaugurado em 1940, com a presença do (até hoje?) odiado pelos paulistas, presidente Getúlio Vargas, por muitos anos o Estádio Municipal (como era chamado) foi o maior ponto de encontro dos amantes da bola. Palco de jogadas inesquecíveis, gols inexplicáveis e motivo de emoção para milhões de pessoas. Pelos seus cansados, porém vistosos gramados, passaram gerações de jogadores de futebol que marcaram a história. Foi sede da Copa de 1950 e viu surgir para o mundo um jovem menino chamado Pelé em 1957. Em 1969 diversos fatos históricos aconteciam no Pacaembu.

Com a inauguração do Morumbi naquele ano, ele perdeu o posto de maior estádio de São Paulo, mas não o título de mais charmoso. No lugar de sua concha acústica foi construída uma arquibancada, chamada de 'tobogã' e ele recebeu o nome de um dos maiores empresários e personalidades do mundo futebolístico nacional. O "Marechal da Vitória", Paulo Machado de Carvalho

O Pacaembu completa hoje 70 anos a todo vapor. A praça á sua frente recebe feiras e eventos, desde o ano passado ele abriga um Museu do Futebol e tem no Corinthians, o mais popular time de São Paulo, o principal mandante de seus jogos .

É um patrimônio cultural e ponto turístico da cidade. Todo paulistano se orgulha dele, que é sem dúvida um dos estádios mais bonitos e com uma arquitetura clássica invejável. Quero eu chegar aos 70 anos com esse charme, essa beleza e – principalmente – essa disposição.

## **Recordações – Relato Pessoal**

**(4/5/2010)**

As ligações que nosso corpo faz entre lugares, cheiros, situações e sentimentos são muito engraçadas. Eu ainda trago gravado o cheiro de infância bem vivida naqueles anos 90 na casa das minhas avós, aliás trago o cheiro e o sabor dos deliciosos cafés da tarde em frente á TV assistindo desenhos na casa de minha avó materna. Nem uma (a casa) e nem outra (a avó) existem mais. Mas isso parece que vai ficar pra sempre. Assim como o abraço e o beijo sincero que eu sempre dava em meus avôs ao cumprimentá-los, eles não estão mais aqui para provar isso, mas eu me lembro bem.

A bicicleta verde, a bola que eu perdi chutando na casa do vizinho, o Passat prata da vovó, minha moto ca, meu Gol LS. Nada disso existe mais fisicamente, a não ser nas minhas memórias e como diz certa música: “Essas recordações me matam”.

Como se esquecer de meu querido vovô jogando bola comigo no quintal ao invés de descansar pois logo mais embarcaria em sua perua escolar rumo ao trabalho. Sim, mesmo depois de aposentado ele trabalhava, estamos no Brasil esqueceram?

Aquele prato delicioso de arroz com feijão, bife e batata que estava a postos na mesa quando eu chegava da escola. Minha vó era uma tremenda cozinheira. Não vou esquecer os domingos no parque com meus pais, a Fórmula 1 na TV com meu pai e quando ele dormia comigo pois eu ficava com medo de alguma coisa que eu via na TV. Nossas idas á exposições e sempre que algo me acontecesse minha mãe estava ali. Sempre ao meu lado.

Dos domingos solitários em que eu jogava futebol sozinho contra a parede no quintal só restaram essas lembranças. Dos amiguinhos na escola, dos tios das peruas, da São Caetano em que cada parte dela eu me lembro dos maravilhosos 4 anos da faculdade. De tudo isso nada restou apenas eu e essas lembranças. Ás vezes me pergunto: se estou assim com 25, como estarei aos 70? Um melancólico total!

## **Futebol na onda do rádio – Crônica**

**(6/5/2010)**

Não existe nada mais exótico e antigo do que acompanhar jogo de futebol pelo rádio. Ontem na partida em que o Corinthians deu adeus ao sonho da Libertadores fui um fiel ouvinte de mais uma aventura radiofônica. Sabe como é. Estava no trânsito e mesmo não gostando de futebol, eu sou um brasileiro e disso não posso fugir. A começar pela narração.

No rádio não temos imagem, logo é preciso ser direto, detalhista e conciso. Complexo né? Ainda mais para nossos locutores esportivos que mais parecem metralhadoras giratórias em um campeonato de maior número de palavras por minuto. O jogador chutou a bola a metros do gol, mas o narrador grita feito doido fazendo quem ouve pensar que não foi gol por pouco.

Aí vem o repórter de campo que faz às vezes de comentarista e o comentarista que faz às vezes de torcedor. Na maior cara dura, ouvimos os pitacos sem fundamento nenhum do jornalista, poderia ficar quieto coitado, mas sua fala torna o espetáculo mais engraçado. O comentarista na ânsia de agradar elogia sempre o time com maior torcida,

se sua própria equipe está em campo então, se prepara. Ele não vai pensar na imparcialidade.

Quando menos você espera, suspense! Rola uma vinheta frenética de um coração batendo a mil, mesmo que a bola ainda esteja no meio de campo, mas se for gol. Aguenta. O locutor vai gritar desesperadamente por mais de 10 segundos, o G0000LLL acompanhado de uma vinhetinha qualquer que não tem menos de 30 anos.

A bola foi pra lateral é hora da propaganda. Desde cerveja até geladeira, passando por petiscos. Nessa hora o nosso herói locutor respira, fala mais devagar e arremata com mais um lindo bordão, como tantos outros que existem no rádio. O jogo termina. Festa de uns, tristeza de outros e o repórter vai fazer seu papel com perguntas “inteligentes”, o comentarista lamenta o fato do time de seu coração ter perdido o jogo e o narrador encerra a transmissão, vai começar a mesa-redonda.

A massa vai pra casa, os jogadores pra gandaia e eu troco para uma estação que toque boa música, mas sempre com aquela experiência mágica, cafona, antiga e brasileiríssima de acompanhar um jogo pelo rádio. Seja ele de pilha ou em um iPod. A sensação é a mesma.

## **Raul e SBT: tudo a ver – Artigo**

**(19/5/2010)**

Raul Gil, 72, nunca foi considerado um dos apresentadores de ponta na TV. Iniciou sua carreira um pouco depois (coisa de 5 anos) dos grandes medalhões como Hebe Camargo, Chacrinha, Sílvio Santos, Flávio Cavalcanti etc. e sempre teve atuação em emissoras nitidamente paulistas e regionais. O que o tornou um animador de menor destaque na telinha. Do mesmo naipe de um Bolinha ou de uma Xênia Bier.

Isso, claro, não significa que seja um mau apresentador, pelo contrário, Raul tem forte carisma e seu programa tem apelo popular. Principalmente pelos shows de calouros, musicais e brincadeiras que são clássicos do auditório. Assistir a seu programa é como voltar ao tempo, lá pelos anos 70 e 80. O cenário cheio de brilhos, cores, o júri com peças históricas e os musicais bem ao estilo “sucessos que meu povo gosta”, como diria o saudoso e já citado aqui Bolinha.

Pois bem, Raul acaba de assinar contrato com o SBT para levar seu programa para lá. É um retorno dele para a emissora onde trabalhou de 1981 a 1985. É um retorno bem vindo. Com a ausência de novos animadores de auditório, Raul Gil conquistou seu lugar na elite da TV atrás apenas dos hours-concours Sílvio Santos e Hebe.



Seu programa é a cara da emissora de Sílvio Santos. Popular, com um certo cheiro de mofo e tentando viver um tempo que já passou na TV. Isto é o SBT e este é Raul Gil.

Na ausência de Gugu, que está se estrepando na Record, SS recorreu ao único companheiro de geração vivo para manter acesa a chama dos programas de auditório.

## **Tchau Tuma – Artigo**

**(26/10/2010)**

Morreu hoje em São Paulo aos 79 anos, o Senador Romeu Tuma (PTB-SP), vítima de falência dos órgãos. Tuma estava internado desde o início de setembro com problemas cardíacos e não conseguiu se reeleger nas eleições deste ano, amargando o 5º lugar.

Lead feito, vamos à algumas verdades indesejáveis sobre o falecido. Em primeiro lugar, minhas condolências à família e a seus eventuais adoradores e meu respeito pela pessoa Romeu Tuma. Mas a pessoa pública foi tarde e não fará falta alguma. Como político, sempre foi uma nulidade, como policial foi obscuro, estranho. É preciso jogar luz nesse período da vida de Tuma que por consequência é a vida do país.

O senador foi diretor do DOPS de 1977 a 1983, antes era chefe do serviço secreto do mesmo órgão, que foi centro de tortura, repressão e um dos braços civis da ditadura militar. Tuma duelava em poder e terror com seu amigo e já morto Dr. Sérgio Fleury. Perdemos mais um arquivo vivo da nossa história recente, pessoa que poderia nos ajudar a elucidar fatos escabrosos e recentes de nossa história. Tuma se foi e nada disse. Não abriu o bico.

## **Manifesto pela paz – Artigo**

**(12/12/10)**

Choca-me muito o fato de homossexuais serem agredidos com lâmpadas, socos e pontapés pelas ruas de São Paulo, mais precisamente pela Avenida Paulista assim como me choca também a agressão ignara em crianças, idosos, moradores de rua e mulheres pelo país afora.

Custa-me a entrar na cabeça que ainda existam seres imbeciloides com falta de recheio mental a ponto de agredirem outro alegando ser “diferente”. Diferente do quê, cara pálida? Só porque a pessoa é mais pigmentada, nasceu em um determinado estado que não seja do “sul”, gosta do mesmo sexo ou porque pode gerar um filho, coisa que você nunca vai poder fazer?

Desculpem amigos, mas as cenas de violência que andam se repetindo me revoltam pela futilidade do acontecimento. Qual é o motivo? E mesmo que houvesse um ele não seria jamais plausível de violência. O que se passa na cabeça das pessoas? Por que tanta intransigência e pancadaria gratuita? Ao invés de evoluirmos nós estamos regredindo?

Não sou negro, homossexual, nordestino e nem mulher, mas sou radicalmente contra violência e mais ainda contra o preconceito imbecil. Às vezes não acredito que estou em 2010, prestes a entrar em 2011.

## **Joga bola, jogador – Artigo**

**(20/1/2011)**

Pode-se ter todas as restrições à pessoa Neymar Jr. Eu também as tenho. O acho imaturo, soberbo e carrega consigo aquela arrogância juvenil amplificada por quem venceu na vida (e precocemente), mas não dá para negar o óbvio: ele joga muito. O santista carrega consigo aquela malandragem e alegria que são as características principais do futebol brasileiro e que se perdera com a exportação dos nossos craques para o técnico e sem sal futebol europeu. Ele é driblador, gozador e artilheiro.

É melhor ganhar jogando feio ou perder jogando bonito? Para Neymar, nem um e nem outro, o que importa é ganhar jogando bem. Muito bem, de preferência. Se esse garoto tiver responsabilidade e maturidade vai longe. É hoje o nosso maior craque e um exemplo para milhares de moleques que jogam tão bem quanto ele e estão por aí buscando uma oportunidade.

Há algum tempo acompanhei um dia de treino do São Bernardo, quando ainda era um clube pequeno com pouco mais de 1 ano de idade.

O treinamento era feito em um velho complexo esportivo falido e desativado da cidade, com campo de futebol precário e equipamentos de academia raros e obsoletos. O salário era baixíssimo, mas senti brilho e paixão pelo ofício nos olhos daqueles garotos.

Um deles era Felipe Lima de Oliveira, 19 anos, recém-chegado de Sabará (MG) e meia reserva no time que então disputava a 3ª divisão do Campeonato Paulista. O jogador era de origem paupérrima e não querendo repetir a sina dos pais e avós viu no futebol uma oportunidade de ganhar a vida e sair da roça. Morava em uma quitinete com um amigo e sua empolgação era fascinante para um reserva de um time inexpressivo e com problemas financeiros.

Na musculação era o mais aplicado, no treino tático o mais disciplinado e no “rachão” era o que mais se empolgava e dava o sangue gritando e coordenando as jogadas. Tamanho entusiasmo seria um dia recompensado? Com a palavra, ele: “Eu faço o que eu gosto, o que sempre quis ser. Claro que não quero ficar no São Bernardo a vida toda, meu objetivo é ir para um time da capital, mas não posso desistir. Sei que é difícil”.

Pois é, a dificuldade é tanta e a concorrência tão grande que nunca mais soube do paradeiro de Felipe. Tentei localizá-lo pela internet e em escalafões de time e nada. Por onde anda esse menino? Dia desses resolvi relembrar meus tempos de garoto e parei em frente a uma quadra. Dessas de bairro, que a prefeitura chama de “Centro de Recreação e Lazer”, mas é apenas um campinho de futebol. Fiquei observando os moleques jogando com tanta garra, tanto afinco, como se fosse uma final de Copa do Mundo.

Uns jogando por prazer, outros para se mostrar e alguns na esperança de um olheiro o descobrir. Doce engano. Doce ilusão. E quantos não existem no Brasil, a pátria de chuteiras? Por onde andam os Neymares, Zicos e Pelés que, frustrados, serão qualquer coisa na vida e o futebol será apenas uma recordação a contar para os amigos, filhos e netos?

## **Tô contigo e não abro Chico – Crônica**

**(24/1/2011)**

Estava eu andando numa cidade que pode ser qualquer uma desse país quando cruzei com um senhor sentado em frente à sua casa. Barba meio longa, óculos esquisito e uma cara de contador de causos que dava na vista. Ele me chamou de canto e disse:

“Escuta aqui rapaz, conhece aquele tal de Chico Anysio? Pois bem, esse cabra é o maior humorista que esse país já teve, criou mais de 200 personagens e foi esquecido pela nova geração. É mentira Terta?”

A mulher diz que não e pra falar a verdade dessa vez até eu acreditei nele.

Francisco Anysio de Oliveira Paula Filho nasceu em Maranguape- CE (1931) e é o precursor de toda essa leva de humoristas cearenses (inclusive Renato Aragão, seu contemporâneo) , praticamente abriu as portas da TV para o humor no início da década de 1960 com seu revolucionário Chico Anysio Show, em que contracenava consigo mesmo num heroico truque de video-tape. Iniciou no país o stand-up numa época que esses garotinhos que hoje se enriquecem nesse ramo com estilo agressivo e ofensivo não pensavam em nascer.



Em 1968 foi para a Rede Globo onde em 1973 apresentou seu maior sucesso: Chico City.

Bem, mas ao sair da companhia do velho turrão continuei andando pela cidade notando suas casas e ruas de paralelepípedo (poxa, há quanto tempo que não via isso), foi quando me deparei com um galã da época do rádio, com uma touca na cabeça e vestimenta típica dos anos 50, ele soberbamente virou-se para mim e disse:

“Sou um símbalo-sexual. Mas tenho que dizer que esse tal de Chico Anysio fez muito sucesso. Até eu o assistia.” Discordo desse senhor quando ele diz que Chico “fez” sucesso, ele faz sucesso.

Depois de décadas no ar ininterruptamente, no fim dos anos 90 ele amarga uma geladeira terrível que culmina com o avançar da idade e a debilidade de sua saúde. Coincidência? Pode ser. Mas isso mostra que o trabalho é essencial ao homem e a ingratidão é própria do ser humano.

No passeio por esse universo eu encontrei um rapaz com uma barbicha estranha, paletós e óculos cor-de-rosa que fazia “exercícios” com dois pesos minúsculos, tinha pose, pinta e cara de homossexual, mas se dizia hétero.

Ele olhou para mim e disse com língua presa e tudo: “Se encontrar com o Chico diga para ele ser forte como eu. Olha o meu muque! Olha aqui!

Bem, Chico Anysio está cada vez mais debilitado e seu estado de saúde é gravíssimo. Está num vai-vem danado, a esperança é a última que morre, claro, mas em suas recentes aparições públicas ele se mostra cansado, ofegante, enfim, parece sofrer com alguma coisa. Seu especial de fim de ano foi ao ar e mostrou um artista genial no ocaso. O que dói saber é que as peças não são repostas à altura.

Chico Anysio – e outros ícones de nossa cultura pop – representa a cara de um Brasil que está mudando, a cara de um povo, de uma cultura. Como negar que ele, Didi, Roberto Carlos, Sílvio Santos, Tarcísio Meira, Sônia Braga, Lima Duarte, Pelé e tantos outros são o retrato cuspido e escarrado do nosso povo? São mitos.

Depois de quase ser assediado pelo “hétero” ainda dei de cara com uns tipos únicos. Uma senhora que vive falando no telefone e jura que é com o presidente (“Agora é Presidenta. É a Dillllma”, ela diz),

um jogador de futebol meio fora de forma, um professor que vive reclamando de seu salário e até um vampiro caipira e desdentado que vivia reclamando pelo fato de ser brasileiro.

Cansado e quase indo embora, resolvi parar no bar da cidade para tomar alguma coisa, quando um tipo carioca, malandro, com uma voz rouca me chama de canto e diz: “Sabes que você tem cara de ser um sujeito firme? Então faça-me um favor, diga ao Chico Anysio que estou com ele e não abro.” Eu respondi: “Pois é, meu amigo. Todos nós estamos, todos nós...” Saí de lá pensando como o tempo é implacável, como as pessoas trocam de heróis e desejando força, saúde e paz à Chico Anysio e com uma musiquinha (“Isso é muito bom, isso é bom demais...”) que teimava em não sair da cabeça.

## **Coloque-se no seu lugar, crioulo – Artigo**

**(26/1/2011)**

Hoje assisti pela primeira vez um capítulo da nova novela das 8 (oito é força de expressão, ela deixou de começar nesse horário há uns 20 anos) “Insensato Coração”. Tive boa impressão do folhetim de Gilberto Braga. É o mais do mesmo do autor e isso não significa que seja ruim. Vai haver personagens bons, normais e os crápulas, talvez um quem-matou-quem para apimentar a trama que é cheia de glamour e riqueza. Braga não deve gostar ou não deve achar interessantes núcleos paupérrimos.

Um dos protagonistas da novela é André Gurgel (Lázaro Ramos), jovem, conquistador, bem sucedido, negro e rico. Aí que mora o “perigo” e por consequência o tema deste texto. Antes de assistir à novela já ouvia comentários em casa e fora dela de que o personagem era “arrogante”, “se achava muito” e que negro quando “sobe” na vida é assim mesmo, não pode “ter poder”. O que é isso? Se você ainda não entendeu, eu traduzo. É preconceito e dos mais abomináveis e atrasados que existem.

Tom Jobim já disse magistralmente que fazer sucesso no Brasil é ofensa pessoal e esse caso se agrava mais ainda se a pessoa em questão for negra, homossexual, nordestina e advier das classes baixas. Já notaram todo o preconceito que existe com o que é realmente popular e genuinamente brasileiro? Pois é, ao assistir o capítulo de hoje de “Insensato Coração” e ouvir esses comentários do parágrafo acima tentei argumentar com essa explicação e também com o fato de que não existem negros ou brancos arrogantes e sim pessoas arrogantes e outras humildes.

Tempo perdido. Isso é uma questão cultural enraizada burramente na sociedade. As pessoas mal sabem por que agem dessa forma, mas as são e sinceramente vejo uma mudança muito lenta e nem sempre gradual, de certa forma, desconectada com a velocidade de nossos tempos.

Ao ver o preconceito contra Lázaro Ramos e seu personagem, me lembrei do caso mais clássico de nossa história recente: Wilson Simonal. O cantor que foi o mais popular do Brasil na década de 1960 ao lado de Roberto Carlos e despencou para a morte artística em 1971 por um erro grotesco seu. Entre outras “acusações” nunca provadas, uma delas era a que Simonal era um negro “abusado”.

Por esse termo entenda-se uma pessoa bem sucedida que esbanjava carros e mulheres (brancas, resalte-se), enfim, era um “crioulo” que não sabia seu lugar. Pelé, nosso negro mais realizado, era bonzinho, humilde e discreto. “Pelé era branco. Sabia seu lugar”, diz o velhinho Jaguar, da turma do “Pasquim”, destilando preconceito no documentário sobre Simonal lançado em 2009.

Custa-me a acreditar que em 2011 ainda existam pessoas que pensem assim e mais assustador ainda é ver jovens de 15, 20 anos repetindo essa papagaiada, esse crime, sem mesmo saber o porquê. Triste saber que nada mudou nesse início de século 21. É meio que um aviso da sociedade: “Você é negro, não pode dar certo e se der tem que andar na linha. Submisso”. Em tempos que se julgam tão modernos, a ascensão social de qualquer pessoa deveria ser encarada com normalidade, mas não é.

## **Brasileiros e Brasileiras: eis Sarney – Artigo (2/2/2011)**

Ao tomar posse hoje o novo Congresso sentiu um cheiro fortíssimo de velharia que tomou conta do belo palácio das duas semiesferas, principalmente a virada para baixo, a do Senado Federal. É que lá, José Sarney (PMDB-AP) era eleito pela 4ª vez para a presidência da Casa, totalizando longos 8 anos de chefe do Poder Legislativo, com mais 5 anos de presidência da república chegamos a 13 anos de poder irrestrito.

É o político vivo mais longevo (56 anos de mandato) e, sem dúvida, mais bem sucedido de nossa história. Sarney nasceu em 1930 no Maranhão e logo recém-saído da juventude paralelo ao êxito presidencial de Juscelino Kubitschek se elegeu deputado federal em 1955 pela jurássica e conservadora UDN, partido de direita, golpista e que viria a ser o braço civil da ditadura de 1964. Foi o único momento de oposição da sua vida, junto com o breve governo Jango.

Reeleito deputado em 1960, o maranhense viu passiva e ordeiramente os militares saírem do quartel e derrubarem um presidente eleito pelo povo e fez mais: os apoiou

Como recompensa em 1965 foi eleito ,pelo voto de cabresto, governador do Maranhão já nas asas da clássica ARENA, um dos dois partidos permitidos pela “revolução” ( o outro era o oposicionista moderado, MDB).

No governo ,Sarney fez tudo o que os militares queriam, aprovou invasão de terras por multinacionais e expandiu a pobreza, em 1970 foi eleito senador pela primeira vez e desde então sua presença ilumina a Casa Alta da República Nacional, com um breve intervalo de 5 anos, quando foi Presidente.

No plano maranhense, manda e faz todos os governadores desde o seu sucessor direto, ou seja, há 41 anos. Como senador José Sarney foi (e é) medíocre, preferindo legislar em causa própria e a fazer politicalha a todo instante. Em 1978 foi eleito presidente da Arena, o partido da sustentação dos militares, que em 1980 com o fim do bipartidarismo mudou seu nome para PDS (atuais DEM e PP).



Como presidente do PDS foi um dos coordenadores da traição à moribunda ditadura militar e junto com alguns correligionários deixou o barco verde-oliva para apoiar Tancredo Neves (PMDB) no colégio eleitoral contra Paulo Maluf (PDS).

Por essa grande contribuição à política nacional, José Sarney foi candidato e eleito vice-presidente de Tancredo em 1985. Começa a metamorfose.

De presidente do partido da ditadura a filiado e chefe da nação pela outrora agremiação de oposição aos militares. Um craque. Com o adoecimento e a morte de Tancredo, a Presidência da República cai no colo de Sarney, que justiça seja feita, foi um estadista e honrou o cargo conduzindo o país para a democracia.

No campo econômico e social seu governo foi pífio, o país amargou crises de inflação, greves e até desabastecimento.

Seus planos para alterar a economia fracassaram e ele amargava altíssimos índices de rejeição, tanto que chegou a ser vaiado e ter seu ônibus apedrejado em praça pública. Um fiasco

Mas no campo político, José Sarney seguiu à risca o caminho democrático. Reatou relações com países comunistas, legalizou entidades e partidos banidos pelo golpe de 1964, aboliu a censura e convocou uma constituinte que resultou na Carta Magna que temos hoje.

O Presidente era tão fraco e impopular que era o saco de pancadas preferido de todos os candidatos à sua sucessão em 1989, principalmente de Fernando Collor a quem recebia as singelas alcunhas de “corrupto” e “incompetente”, não houve candidato que apoiasse seu governo.

Mesmo assim, com riscos de cair a qualquer momento e debelar uma crise e um retrocesso Sarney se manteve firme no cargo e ainda passou a faixa para seu sucessor, o mesmo Collor que o xingara grotescamente na campanha.

Após deixar de ser presidente, o maranhense de forma bizarra transfere seu título para o Amapá e se elege mais 3 vezes senador por esse estado (90,98,2006).

Mais uma vez seus mandatos foram nulos em propostas e projetos e durante os governos Collor, Itamar e FHC se manteve próximo do poder, inclusive sendo Presidente do Senado pela primeira vez em 1995, mas não dentro dele. O pulo do gato do velho coronel veio com a eleição de Lula em 2002.

O cacique foi uma das primeiras estrelas políticas a declarar apoio ao candidato do PT e não foi esquecido por isso. Sob a presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, José Sarney foi Presidente do Senado por 2 vezes (03-05, 09-11), mandou e desmandou em pedaços do ministério, foi fiador do governo e quando denúncias de corrupção quase o derrubaram foi Lula jogando seu prestígio que o segurou no cargo e o ex-pedessista ficou tão agarrado a ele que acaba de se reeleger à presidência, apoiando e sendo apoiado pela Presidenta Dilma Rousseff, criatura de Lula.

Ao eleger José Sarney para mais um mandato, os senadores escolheram o velho em várias formas. No estilo de fazer política, no estilo pessoal e no campo ético.

Afinal, como pode Sarney ter vindo de origem humilde , há 56 anos deter mandatos populares e ter ficado mega milionário? Como pode um político que apoiou militares, tucanos e petistas continuar em tamanha evidência e sobreviver politicamente? Sarney é de uma outra época, de um outro Brasil que existe cada vez menos.

O do coronelismo, como seu correligionário da ARENA o baiano ACM, mas o maranhense sempre foi mais discreto, travestido de intelectual, imortal da ABL, mas tão coronel quanto. 45 anos da oligarquia Sarney no Maranhão transformaram o estado no mais miserável do país. E como esse político ainda está aí, forte e poderoso como a 4ª autoridade do país? Não dá para explicar, mas quando Sarney nos deixar, definitivamente uma era se encerrará.

## **Volta às aulas – Crônica**

**(8/2/2011)**

Mais um ano letivo está começando. Comércio movimentado, crianças ansiosas e pais descabelados com o alto valor do material escolar. A volta às aulas é algo que me traz boas lembranças (assim como o ambiente escolar como um todo). Era uma época da vida em que não se tem muita preocupação e voltar para escola era motivo de perder o sono tamanha ansiedade.

Poxa, terei que acordar cedo de novo?

E meus amigos estarão na minha sala, na mesma escola?

E aquela menina bonita estudará comigo de novo?

Aquela professora chata me dará aula novamente?

Essas perguntas todas são respondidas nos primeiros dias de aula, que cá entre nós, são os mais gostosos. O dia começa com sua mãe te acordando e você com um rabo de olho finge que ainda está dormindo. É preciso chegar mais cedo que o normal para se orientar e não adianta: em breve você vai acordar mais cedo que esse horário todo santo dia e para ir trabalhar, é bom que se acostume. Café da manhã, banho e colocar novamente o uniforme da escola. Fazia tempo que você não se via com ele né?

De repente a buzina toca e é a van escolar para te levar, mamãe dá uma última ajeitada na sua roupa e confere sua mochila, você partiu e continua ansioso. Engraçado que no veículo (e eu tenho que fazer um esforço para não chamar de PERUA escolar, resquício da minha época), você já identifica pessoas e compartilha ansiedades.

Ao chegar à escola, a primeira coisa é olhar aquelas listas enormes e procurar seu nome e classe, ver que seus amigos estão nela e torcer para o valentão folgado não estar. Doce dia. Doce semana. Doce vida. Apresentações, hora do recreio, educação física e no fim do dia, o conforto do lar e dos pais à sua espera querendo saber como foi o retorno. E você repete isso nos dias seguintes até começarem a vir os trabalhos, as provas e as lições de casa. Ah, você diz que quer férias e descansar.

Depois que passar essa fase da vida e as lições de casa se tornarem contas, as provas o Imposto de Renda, o professor virar seu chefe e a escola se transformar em trabalho, você ficará como eu. Saudoso.

## **Como chamar Dilma? – Artigo**

**(9/2/2011)**

Fato inédito em 121 anos de república, Dilma Rousseff é a primeira mulher a ocupar o cargo número 1 do país, o de chefe do executivo federal, ou seja, o comando da Presidência da República. E como se referir à petista? Presidente ou Presidenta Dilma?

De acordo com professores e estudiosos de nossa língua, as duas formas estão corretas, sendo a feminina um neologismo incorporado ao padrão. Na teoria, Presidente tem a mesma regra de Gerente, isto é, não flexiona o gênero, mas com a escalada das mulheres em cargo de comando criou-se a flexibilização presidenta que foi absorvida como certa pelos dicionários e nomenclaturas.

Se depender da mídia, que até nisso é conservadora, Dilma é presidente do Brasil. Fiz uma rápida pesquisa em sites e publicações e apenas um grande portal e uma grande revista chamam a mandatária de Presidenta. A saber, o portal IG e a Revista Época. Já se fomos analisar o material editado pelo Palácio do Planalto como releases, agendas, websites e os próprios discursos de Dilma, ela é a nossa Presidenta e será assim até que seu mandato finde.

O meio termo foi sua campanha eleitoral que usava nas propagandas impressas e visuais o “Presidente”, mas nos programas de rádio e TV usava a forma feminina. Confuso não? É que pesquisa interna mostrou que o termo não pegava bem.

O fato é que chamar Dilma de Presidenta ou não vai de cada um. É nítido que há uma tentativa do governo de se criar o hábito de usar a expressão para atrelar mais à imagem da mandatária, assim como é evidente que o termo demora a “pegar” justamente pela falta de costume do povo em usá-lo. Se isso se tornará algo consumado, não dá para saber, mas espero que tenhamos tempo para isso.



## **Somos todos nuvens passageiras – Crônica**

**(16/2/2011)**

Em 1976 quem ligasse o rádio em qualquer estação que se prezasse ou assistisse os programas populares da TV, como o “Globo de Ouro” e a novela das 8 iria se deparar com uma música melancólica de resquícios cafonas, letra irremediavelmente reflexiva cantada por um daqueles bichos-grilo da época. A canção era Nuvem Passageira e o cantor um certo Hermes Aquino.

Colocada no estrelato por fazer parte da trilha sonora da novela global “O Casarão”, grande clássico de nossa teledramaturgia, a música retrata de forma simples a angústia e a efemeridade da vida. Afinal, como diz a letra ,somos todos nuvens passageiras por aqui. Seja no trabalho, na sociedade e até na vida de alguém. Um dia nós passaremos e não restará nada além de uma vaga lembrança. Em outro trecho da letra, o interlocutor diz: “A lua cheia convida para um longo beijo, mas o relógio te cobra o dia de amanhã, estou sozinho, perdido e louco no meu leito”. Bem por aí mesmo. Nós temos uma vida tão atribulada que não conseguimos algumas vezes fazer o que gostaríamos, nem mesmo coisas costumeiras como respirar o ar puro da manhã, o sol, ter uma boa alimentação, etc.

Não me lembro como descobri essa pérola, deve ter sido minha curiosidade sagaz, mas confesso que adorei essa música. A considero de vanguarda e atual, apesar de ter passado para a história como cafona e clichê. Ela inclusive me remete à única vez que me entristeci por uma demissão de trabalho. Foi há 2 anos, quando saí de um jornal de forma canalha e covarde, que era um sonho profissional para mim. Fiquei nervoso, tenso e coincidentemente ao ligar o rádio estava tocando “Nuvem Passageira”, o que me fez refletir sobre a duração das coisas. Confesso que foi um alento e amenizou a decepção.

Hermes Aquino é gaúcho, tem 61 anos, lançou apenas dois discos e um sucesso. Sumiu. Segundo o Wikipedia ele vive em Porto Alegre como produtor de jingles musicais. Um talento desperdiçado por opção ou porque foi engolido pela máquina? Ironicamente ele foi uma nuvem passageira na história da MPB.

## **Vade retro! – Crônica**

**(15/3/2011)**

Na língua portuguesa talvez não existam tantos sinônimos e codinomes como para ele. Seja do jeito que você chamar, para uns o coiso inspira medo, para outros é apenas uma figura folclórica e para uma parcela ainda que tímida ele existe e está lá nas profundezas do inferno pronto para atormentar.

Chame do que você quiser, mas o carcará está presente no imaginário da humanidade desde que ela se conhece por gente e desde que foi criada a dicotomia Bem e Mal. Tem gente que não fala o nome dele, o chama de “outro” ou de “coisa ruim” e há os que o chamam pelo nome bíblico, Lúcifer, o anjo caído.

Com o tempo fomos deixando de lado àquele que quis o lugar de Deus e foi expulso do paraíso para criarmos uma figura mais ou menos padrão e quase infantil. Vermelho, com chifres, tridentes e sempre com um sorriso maléfico no rosto e uma provocadora tentação no olhar, o arrenegado disputa atenção até nas crianças. É comum ouvirmos a mãe dizer ao filho pequeno: “Cuidado, não seja malcriado, olha o Capeta!”

“Capeta?” Ele virou sinônimo até para falar de pessoas. Aquelas inescrupulosas, sem caráter e desprovida de senso ético, enfim, dos canalhas. O Belzebu tirano está a toda volta. Os pastores televisivos dizem que se não formos na igreja deles, continuaremos nesse mundo dominado pelo tentador, em contraposição ao Criador que nada pode fazer e só observa.

O tihoso arrenegado pé-preto está tão enraizado em nossa sociedade que virou desculpa para o fracasso, o insucesso e até para atitudes ilegais cometidas por seres humanos vadios e acomodados. “Estava com o Demônio no corpo”, “Foi o cão que me jogou na bebida”, “Perdi tudo por causa dos encostos” e por aí as desculpas esfarrapadas vão. O excomungado é tão presente que até em fábulas infantis e desenhos animados ele aparece.

Quem não se lembra dos animes onde o personagem é aconselhado por um anjo num ouvido e “tentado” pelo Satã no outro. E repare: sempre a melhor proposta é do sarnento.

Se eu tenho nojo dele? Nojo eu tenho é de ser humano que não presta. De gente que vende família, destrói animais e natureza por dinheiro, não tem amor, compaixão, solidariedade, é incapaz de sorrir, de doar e de gostar de alguém. Desses é que eu tenho verdadeiro asco.

Quanto ao velho e bo... ops, mau Diabo que eu falei o tempo inteiro? Nem quero saber. É ele lá e eu aqui. Vai saber, valha-me Deus!

## **Domingo eu vou ao Maracanã? - Artigo**

**(4/6/2013)**

Em 1972 Raul Seixas e Sérgio Sampaio cantaram na obscura e nada conhecida música chamada "Êta Vida":

"Moro aqui nessa cidade que é de São Sebastião, tem Maracanã domingo. Pagamento à prestação "

Três anos depois, o carioquíssimo Jorge Ben cantava em "Cuidado com o Buldogue:

"Bem Feito, não vai poder ir pro Maracanã. Pois não vai poder sentar naquela arquibancada, dura, áspera e quente. Só vai poder ficar em pé, só se for na Geral".

Nos anos 80, Neguinho da Beija Flor immortalizou:

"Domingo, eu vou ao Maracanã, ver o time que sou fã".

Pois bem, fundado em 1950 para a Copa do Mundo daquele ano. O Maracanã (chamado oficialmente de Mário Filho) foi tema de dezenas de músicas, obras de artes, fotos e textos nesses 63 anos de existência. Mais do que mítico para o futebol mundial, o estádio que por muito tempo foi considerado o "maior do mundo" fez parte da cultura carioca e nacional. Um patrimônio do Brasil. Cartão Postal e programa preferido de turistas e nativos da Cidade Maravilhosa, foi palco de jogos históricos e eventos inesquecíveis nessas décadas.

O velho Maraca era a alma do carioca, o programa de domingo preferido, a emoção garantida. Como não lembrar e citar aqui a mais que clássica Geral e seus Geraldinos. Torcedores de todos os tipos e times que pagavam um preço irrisório para ficar no local mais próximo, mas ao mesmo tempo pior do campo que - de pé - vibravam e se amontoavam a cada gol de seu time.

Foi-se o tempo dos estádios gigantes, do amontoado de gente sem conforto nenhum, do futebol arte e do espetáculo que beirava o romantismo. O Maracanã, claro, acompanhou essa evolução natural. Sofreu reformas, se adaptou. A gigantesca arquibancada recebeu cadeiras, o setor das lendárias Cadeiras Azuis engoliu a Geral. Mas o charme do "maior do mundo" se mantinha.

Até que veio esta bilionária "reforma", de 3 anos, para a Copa do Mundo de 2014. Uso a palavra reforma entre aspas aqui, pois só permaneceu parte da estrutura externa que é patrimônio tombado e não podia ser demolido, já o restante foi quase tudo pro chão. É um outro estádio, esse que foi inaugurado domingo passado no amistoso entre Brasil e Inglaterra.

E pior do que acabar com um templo sagrado, cujo apenas o nome é o mesmo. É a bajulação e o interesse econômico de emissoras de TV e outras entidades em dar o mesmo significado ao novo Maracanã, que o velho tinha. Não é a mesma coisa, o charme não é o mesmo. Claro que não é um estádio feio, longe disso, mas é um local frio e comum como dezenas de outros por aí. Perdeu a identidade e o encanto.

Mas esse pseudo saudosismo do escriba aqui e de tantos outros vai passar. As novas gerações não se lembrarão do velho Maraca e talvez quando verem fotos e vídeos dele irão se questionar: "Mas é desse estádio tosco, sem conforto e amarrotado de gente que vocês têm saudade?"

Para nós, vão restar os textos, as crônicas e as músicas. Que seja bem vindo o novo estádio.



## **Médicos Estrangeiros - Artigo**

**(30/7/2013)**

Bem, antes de tudo quem me conhece sabe minha opinião sobre o programa que o Governo Federal tenta implementar para suprir a falta de médicos em diversas localidades do Brasil, o "Mais Médicos". O programa em si, consiste em dar bolsas de estudo para quem quer fazer medicina país e afora e uma das vertentes seria a contratação de profissionais estrangeiros, uma vez que muitos nativos se recusam a exercer uma das mais nobres profissões em rincões e lugares afastados de nosso país. Lembrando sempre que os médicos de fora, seriam aprovados em um período de avaliação e treinamento em universidades brasileiras.

Posto isso, hoje ao passar no pronto socorro de meu Plano de Saúde para se tratar de um imprevisto fui atendido por uma profissional não nascida no Brasil. Com poucos minutos de conversa pude perceber, claro, que não se tratava de uma nativa graças ao não tão carregado, mas sempre presente sotaque e a dificuldade de pronunciar certos vocábulos de nossa língua.

Diagnóstico feito, pedi permissão e perguntei da onde ela era. Prontamente, respondeu que era boliviana, de La Paz, a capital administrativa do país. Engatei uma rápida conversa sobre o plano do Governo brasileiro e como ela o enxergava. A resposta veio de bate e pronto.

"Acredite ou não, mas em meu país sofremos com um mercado cheio e concorrência alta, por consequência se pagam salários baixíssimos. Me formei em 2010, fiz a revalidação de meu diploma em 2011 no Mato Grosso e estou aqui em São Paulo desde então. Mas continuo tendo contato com colegas de sala e outros amigos médicos que esperam ansiosamente por essa oportunidade. Precisamos trabalhar e principalmente desenvolver o braço social que todo médico tem ou deveria ter."

Perguntei se haviam diferenças entre as faculdades de medicina do Brasil e as da Bolívia e ela, em um português quase fluente, me explicou que a matriz, a origem do ensino é a mesma e que para suprir essas variações existiam as provas de revalidações e avaliações.

Pois bem, meu amigos. Enquanto uns levam para o lado político o "Mais Médicos", chegando ao delírio de falar em "comunização" do Sistema Brasileiro de Saúde, milhares de irmãos nossos espalhados por esses 8.514.876 Km<sup>2</sup> de território nacional padecem de médicos para tratar de simples gripes ou disenteria. Como pode um estado como o Piauí ter menos médicos que o Grande ABC, por exemplo? Eu explico. Faltam doutores no mercado nacional e aqueles que se formam se recusam a trabalhar nos rincões. Os motivos? Bem peculiares e pessoais. Não me atrevo a debater.

É chegada a hora de esquecer bobagens como "afronta" à soberania nacional e "agentes cubanos" e pensar nesse povo não tão distante da nossa realidade e gente da nossa terra.

## **Eduardo, o traíra? – Artigo**

**(8/10/2013)**

Depois de seu partido, o PSB, exibir força nas eleições municipais de 2012 elegendo centenas de prefeitos e avançando em cidadelas que pertenciam a outros grupos políticos e ultra popular em seu estado natal governado por ele há 7 anos. Eduardo Campos resolveu se reposicionar no cenário político brasileiro. Antes, uma cria e fiel escudeiro do lulismo, o neto de Miguel Arraes vem lance após lance se afastando do PT e consolida-se como figura nacional de destaque e influência.

Pré-candidato ao Planalto, estreitou laços com atores antagônicos ao petismo, entregou os cargos de seu partido no Governo Dilma e agora protagonizou o grande lance da temporada pré-eleitoral. Aliou-se com outra egressa do lulismo, Marina Silva que não conseguindo viabilizar sua Rede, endossou a candidatura de Campos como vice (por ora) para influir na eleição do ano que vem.

Se vendendo como o "novo" (e isso ele não é mesmo, mas fica para outra postagem a explicação), o ex-ministro da Ciência e Tecnologia de Lula e governador de Pernambuco com apoio ostensivo petista passou a ser criticado ferozmente pelo voo solo. É comum achar na internet em blogs ou em expressões de simpatizantes do PT textos chamando Campos de "traidor" e "ingrato" por se lançar ao Planalto contra Dilma.

Há umas horas até fiz um post irônico chamando-o desses apelidos para testar a reação. Quem o chama desses adjetivos ou abusa da ingenuidade do interlocutor ou realmente não conhece os meandros da política. Não há traições nesse meio. Existem interesses. Tomamos como exemplo o histórico do Partido Socialista Brasileiro (PSB), presidido por Campos desde 2005 após o falecimento de seu avô Arraes.

Em todas as eleições para presidente desde a volta da democracia, o PSB esteve aliado ao PT (exceto em 2002 quando bancou a aventura Anthony Garotinho). Em 2010, inclusive, Campos fritou Ciro Gomes e sua pré-candidatura em prol de Dilma Rousseff, a escolhida de Lula.

Em 2006, Lula usou Campos para arrancar das mãos de seu inimigo Jarbas Vasconcelos e do consórcio PMDB-PSDB-PFL o governo de Pernambuco. Na ocasião, o PT lançou Humberto Costa candidato. O então presidente deu de ombros e apoiou Campos ao Palácio do Campo das Princesas. Com a popularidade em alta, em 2010 Campos foi reeleito com 80% dos votos, Dilma teve quase o mesmo índice dos votos e a oposição à Lula foi aniquilada com a eleição da chapa completa da aliança PT-PSB.

Mesmo em 2012, quando já ensaiava voo solo ou aliança com opositores do petismo, Eduardo Campos fez mais um gesto ao Partido dos Trabalhadores ao levar o PSB para a chapa de Fernando Haddad, o "poste" inventado por Lula para ganhar a Prefeitura de São Paulo. Fez isso em um estado onde sua sigla é aliada ao PSDB, inclusive. A agremiação, inclusive, indicou Luiza Erundina para vice, indicação que não deu certo, graças à aliança com Paulo Maluf.

Portanto, não há traição e não há ingratidão. Em política não existe aliado que não possa se tornar adversário e nem adversário que não possa se tornar aliado. Campos está fazendo o que seu avô não conseguiu fazer. Sair de Pernambuco. Ele joga para 2018, claro, e apenas firma o nome em 2014. Outro postulante do ano que vem, o neto de Tancredo Neves, tem muito o que aprender com o neto de Miguel Arraes em astúcia e jogo político.

Uma das crias mais bem sucedidas da era Lula assusta os pseudos aliados do Planalto que estavam crentes que ele iria colaborar mais uma vez

## **Desabafo sobre política – Artigo**

**(24/2/2014)**

Há muito tempo não falo de política aqui apesar de ter minhas convicções e ideias. E quem me conhece sabe quais são. Não comento pelo simples fato de achar que tudo caminha para um radicalismo sem fim, uma chatice infinita e uma paranoia perigosa (além do fato que ninguém vai me convencer com seus argumentos e nem eu convencerei pessoa alguma do que penso). Entretanto, vejo pessoas aqui beirando o calculado delírio americano dos anos 50 e 60 sobre a tal "ameaça" comunista e de ditadura.

Senhoras e senhores, não há problema algum em não gostar do Partido dos Trabalhadores ou do Partido da Social Democracia Brasileira, mas, por favor, vamos manter certa racionalidade no debate. Não há clima algum para golpe comunista, ditadura e outras coisas que só assombram o país na cabeça de algumas mentes que sabiamente utilizam-se desses argumentos para tentar lucrar politicamente com eles. Nossa democracia é jovem, este ano completa 25 anos de plenitude, mas é sólida o suficiente para aguentar protestos e o contraditório.



Logo em seu início, em 1989, o primeiro presidente eleito pelo povo em 30 anos caiu, veio o vice, um plano econômico, outro presidente eleito e reeleito que passou a faixa para seu sucessor da oposição que se reelegeu e fez a sucessora. A primeira mulher a sentar na principal cadeira da república.

Nunca, eu disse nunca, na história desse país, como dizia certo político aí, tivemos um período como esse que vivemos de 1989 para cá. De democracia plena. República Velha e período 1945-1964 não contam em plenitude pois o voto não era universal como hoje.

Me desculpem, mas quem com menos de 55 anos de idade defende a Ditadura civil militar de 1964 ou se borra com medo do "comunismo" não sabe o que diz e tampouco consultou os livros de história e o Google. O pessoal acima dessa idade pelo menos conviveu com essa triste situação.

Aos manifestantes, o direito mais que certo e apoiado de lutar por serviços e um país melhor. Para os que não gostam do atual partido que comanda o Planalto, às urnas. Vençam por lá. Esse ano é uma oportunidade.

## **Sozinho no Restaurante – Crônica**

**(13/3/2014)**

Pode parecer que não tenho perfil para ser alguém rico e ter um corpo de funcionários pessoais a me servir exclusivamente. Mas eu não me sinto bem com o fato. Talvez, se um dia tiver posses que me permitam esses luxos, não contaria com serviços exclusivos de motorista, guarda-costas, garçons e ajudante de ordens. O fato de ter um ser humano ali, inteiramente ao meu dispor e obedecendo as minhas vontades por mais esdrúxulas que possam ser me incomoda e muito. Até psicólogo e personal trainer não me agradam. Quem sou eu para ter uma pessoa ali vivendo em minha função por algumas horas e por alguns trocados? É coisa minha. Talvez passe com o tempo. Pois bem, hoje aconteceu algo semelhante com o drama aí de cima.

Sou uma pessoa meio solitária. A vida e os desamores me tornaram um pouco assim, portanto gosto às vezes de sair só, inclusive ir ao restaurante. Analiso as pessoas, reflito na minha vida e penso nos meus problemas. É bom! Mas hoje o tiro saiu pela culatra.

Fui a uma churrasceria em Santo André que a certo tempo estava afim de ir. Ao chegar no local achei estranho o fato de apenas um carro estar estacionado além do meu. Dito e feito: ao entrar no recinto o casal proprietário do automóvel sai, portanto, o restaurante é só meu.

E lá estavam: buffet, carnes e cinco ou seis garçons inteiramente à minha única disposição. Por onde quer que eu olhasse via mesas vazias à meia luz e funcionários do local. É estranho ser o centro das atenções, parece que todos a sua volta estão te observando. Não é algo legal.

Há os que não se incomodam com isso e estão certos. Eu, por não gostar muito de exclusividade em locais públicos, me incomodei um pouco. Algo que preciso melhorar ou então torcer para que dá próxima vez tenha ao menos mais um cliente qualquer se fartando no local.

## **Lágrima - Crônica**

**(20/5/2014)**

Um dos gestos que o ser humano desenvolveu que mais consegue expressar sentimento, seja ele bom ou ruim, é o choro, a lágrima. Geralmente choramos quando sentimos dor física ou emocional. Quando um sentimento, algo ou alguém nos abala a tal ponto que perdemos o chamado equilíbrio emocional e desatamos a verter lágrimas com narinas e olhos vermelhos.

O ato de alguém chorar próximo a mim (e geralmente as pessoas choram de tristeza) tem um efeito triste sobre a minha pessoa. A de compadecer e embarcar naquela energia esquisita. É normal. Mais normal ainda é chorar por amor (acredite, até eu já chorei por esse motivo e aposto que você também ou chegou perto de).

Outro dia, presenciei uma moça linda, mas linda mesmo. Daquelas bem delicadas, inteligentes, criativas e extremamente encantadoras. Ela estava aos prantos por amor (ou pelo que ela achava que era). Chorava e se entristecia por um rapaz aí que a largara e que a tratava mal.

Seu rosto delicado e de expressões suaves que guardavam um quê de inocência que ela tentava abstrair com um escudo ou máscara se franzia e se corava enquanto as lágrimas caíam.

Contemplei a cena com compaixão e ao mesmo tempo indignado. Não havia necessidade de tamanha tristeza. Ela poderia e pode ser feliz com quem ela quiser (a começar com ela mesmo). Existem pessoas que fariam dela a mulher mais feliz do mundo.

Suas lágrimas soaram como lâminas em meu rosto, mas mesmo assim nada fiz e apenas observei, mesmo que palavras não me faltassem para dizer e gestos para fazer. Concluí apenas que nossos sentimentos são muito importantes para desperdiçarmos com quem não vale a pena. Mas somos seres humanos e confusos por natureza.

De qualquer modo, um ser tão angelical como esta bela mulher não merece cair no choro. Por nada e nem ninguém. Afinal, como diz o poeta: "Gente é pra brilhar. Não pra morrer de fome." Nem fome física, nem fome emocional.

Este texto pode parecer machista (ou feminista dependendo do ponto de vista) e eu sinceramente não quero que ele tenha muito sentido. Há quem goste de ler o que eu escrevo e há os que não suportam. A esses, peço desculpas se chegaram até esse parágrafo final. Não os obriguei.

## **Sobre oportunistas e boçais – Artigo**

**(13/8/2014)**

A hora não é de política, mas é inevitável falar-se dela. A vida é cruel e por vezes covarde. Leva cedo demais jovens, faz assuntos menos nobres atropelarem os lutos e nos transforma em molas propulsoras descontroladas de sentimentos bons e ruins. Antes da política, é preciso falar do ser humano. E aqui falo de Eduardo Campos.

Não, eu não ia votar nele para presidente. Nunca me passou pela cabeça isso. Tampouco achava ele um "traidor" do PT, de Lula e Dilma por ter rompido a aliança de anos para ser candidato ao Planalto.

O desaparecimento de Eduardo Campos é acima de tudo o sumiço de um pai de família, de um filho e de um homem com seus defeitos e virtudes como qualquer outro. É isso que devemos levar em conta nesse momento. É triste um jovem em qualquer hipótese morrer.

Antes de falarmos em hipóteses, se o PSB vai desistir da candidatura, se Marina Silva assume o posto, se Dilma ou Aécio são beneficiados ou prejudicados, devemos respeitar o luto da família.

O que me choca nesse momento é a estupidez humana levada aos mais profundos níveis de boçalidade com insinuações de que adversários políticos estivessem por trás do acidente aéreo que matou o ex-governador de Pernambuco. É leviano com os acusados, é leviano com a família do falecido e é leviano como o Brasil.

E não somente leviano como beira a patologia. Como diz um poeta: "Vocês não entendem nada".

Entretanto, é preciso falar um pouco de política e hoje o Brasil perde uma de suas mais importantes lideranças da nova geração. Aquela que a partir de 2018 - acredito - comandará a nação. A geração surgida no pós ditadura. Todos os presidentes da redemocratização em diante se formaram politicamente no período do governo militar. Dilma, aposta desse escriba para esta eleição, inclusive.

Eduardo Campos tinha tudo para ser presidente do Brasil. E sinceramente, ainda acho que seria. O ciclo de troca de gerações na política sofre um baque e tanto. Até um dia, governador.



## **A arte de escrever, a arte de viver – Crônica (15/9/2014)**

Apesar de ser jornalista formado, nunca tive a opinião corporativista de que é necessário ter um diploma para exercer a profissão. Acredite, conheço muito profissional formado que mal consegue escrever uma frase e por outro lado, pessoas que por questões pessoais ou financeiras/sociais não fizeram a faculdade e produzem escritos lindamente.

Sou jornalista e gosto de escrever, muito, mas muito tempo antes de entrar na faculdade. No entanto, nunca me gabei disso, nunca desqualifiquei profissionais, nunca alimentei birras infantis entre assessores de imprensa e jornalistas de redação e nunca emiti opinião sobre meu trabalho profissional. Acho desnecessário. Feio mesmo.

Obviamente que tenho minhas opiniões e - mais - tenho o meu veredito sobre minha capacidade profissional. Estas, no entanto, eu guardo para mim e demonstro com meu trabalho. A melhor forma de avaliação é essa.

Um resumo que minha modéstia permite dizer é a mesma coisa que um poeta disse em 1971 em uma canção. Caetano disse , pela voz de Roberto, que "eu sigo apenas porque eu gosto de cantar", eu digo o mesmo, trocando o "cantar" pelo "escrever".

O ato de criar é um dos que nos difere de outros animais.

Escrever é criação. A possibilidade de imaginar, relatar, expressar e viver por meio de palavras é algo fascinante para mim.

Escrever é como viver. Um ofício. Tem que saber. Jogando, perdendo, ganhando e sempre pensando na imensa roda gigante que é a nossa vida. O fã de hoje, talvez seja o linchador de amanhã e o inimigo de hoje, pode ser o amigo do dia seguinte. Muito cuidado com as palavras. Elas postas no papel (ou na internet), não têm volta.

---